

atlas
de **RELACÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 23

OS DOIS MUNDOS PAQUISTANESES

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Os Ambientes Culturais. 2 — Evolução Histórica. 3 —
População e Línguas. 4 — Situação Econômica. 5 — O
Problema do Cachemir. 2

**ARGENTINA: TERMINAL DE ROTAS
NO ATLÂNTICO SUL**

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

- 1 — País das Águas e Desertos. 2 — Aspectos Geoeconômicos. 3 — Síntese Histórica. 10

Os dois mundos Paquistaneses

DELGADO DE CARVALHO

1 — Os Ambientes Culturais

A *península Indo-Gangética* é por si só um subcontinente asiático que envolve hoje três Estados: a *Índia*, *Ceilão* e o *Paquistão*, este último abrangendo duas áreas afastadas por mais de 1.700 km, estes *dois territórios* podem ser vistos como dois Estados, graças às diferenças que fazem deles *dois mundos*.

Quando a Geografia Política aplica seus estudos a um país, trata geralmente de nele destacar uma unidade geográfica mais ou menos delimitada por suas regiões naturais, seus limites, sua topografia; no caso específico do Paquistão dá-se o contrário: é um país de limites artificiais, arbitrários, resultantes de contrastes humanos e econômicos principalmente.

Contrastes físicos existem também entre os *dois Paquistãos*: o *Ocidental* e o *Oriental*. O primeiro é desértico, de solo pobre, com vales irrigados; o segundo é o domínio das águas numa vasta extensão plana, de solo fértil e vegetação tropical. Ambos estão na *zona tropical*, mas o contraste físico atua nos destinos econômicos, criando *obstáculos a uma unidade nacional*.

Geologicamente, a planície Indo-Gangética constitui-se numa vasta extensão quaternária de aluviões que isola a velha base granítica de Gondwana, a *Dekan*, formadora da triangular península indiana. Ao norte se encontram as cordilheiras terciárias que constituem a orla setentrional da planície, isto é, o *Hindukuk*, o *Karakorum* e o próprio *Himalaia*. No leste como no oeste, os *montes Arakan* da Birmânia e os *montes Soleiman* do Beluchistão, serras terciárias também, completam o

enquadramento montanhoso da grande planície.

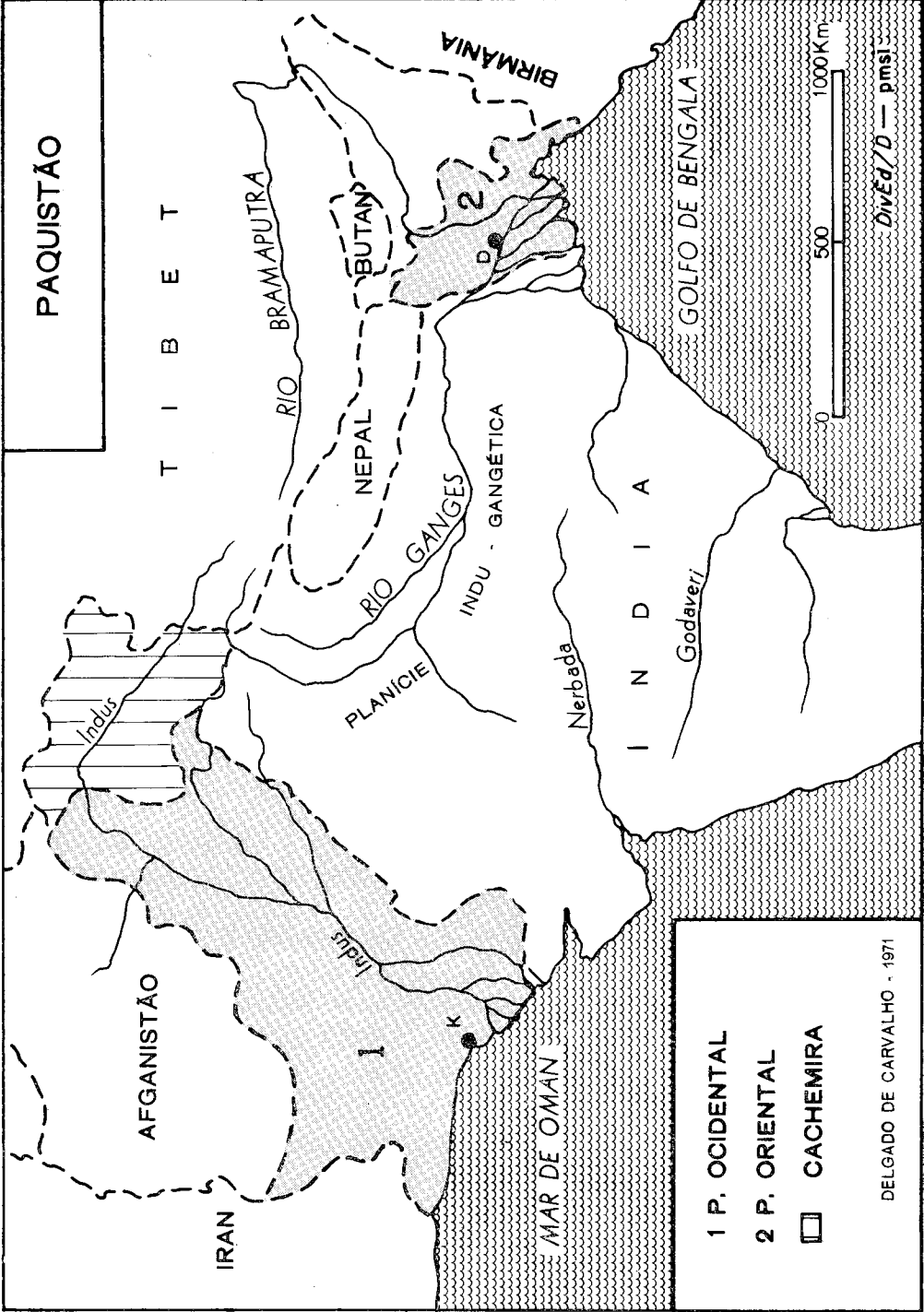
A topografia desta planície é bastante uniforme, constituída por grandes massas de rochas, terras e fragmentos arrancados ao Himalaia pelas águas e pelos ventos. A soleira de repartição das águas entre o Indus e Ganges mede apenas 270 metros de altitude.

O *clima* da planície Indo-Gangética é marcado pelo *regime das monções* que regula o ritmo das estações. No verão, época das chuvas, caem cerca de 85% das precipitações anuais. No inverno é a seca que predomina, com dias claros de temperaturas amenas que rapidamente se vão elevando. Esta distribuição, entretanto, não impede o *contraste pluvial*; na parte ocidental estão as áreas extensas com menos de 125 milímetros e na parte oriental com 2 metros em geral, subindo a 11 metros de chuvas no famoso *Tcherapungi*. As montanhas do norte e noroeste dotam os lugares muito elevados de temperaturas comparáveis às do Mediterrâneo. A parte oriental é sempre úmida e quente.

A maioria dos solos são pouco férteis, predominando a *laterita vermelha*, ácida, desprovida de elementos orgânicos. Os solos aluvionais da planície e dos litorais são férteis, destacando-se o *regur*, terra do algodoeiro, negro, calcário, poroso que armazena muita água. Depois de milênios de exploração as matas são raras, substituídas principalmente pelas savanas. A *vegetação* é rica em bambus, coqueiros e outros tipos de palmeiras.

Mais extenso do que o Ganges, porém de vasaço fluvial menor, o *Indus* é a artéria central do *Paquistão Ocidental*. Surgindo nas vizinhanças das nascentes do *Bramaputra* cerca com ele, a leste e oeste, a parte central do Himalaia. Descreve forte curva para o sul, rompendo aquela grande cordilheira numa brecha de 300 km, para cair na planície. Depois de receber o *rio Kabul*, vindo do Afeganistão, segue para o sul e recolhe num feixe os *Cinco-Rios do Pendjab* (Setleg, Chenab, e outros). Após a confluência desta rica rede, nos mil quilômetros que lhe resta percorrer, o Indus atravessa uma extensa região seca, orla do deserto indiano de *Thar*, e a planície do *Sind*, onde forma o seu delta antes de alcançar o *mar de Oman*.

Quanto à hidrografia do *Paquistão Oriental*, é praticamente o *delta do Ganges e do Bramaputra* reunidos, com a orla costeira do *Sunderbun* no *golfo de Bengala*. A área deste delta é perto de três vezes a do Estado de Alagoas.



2 — Evolução Histórica

“Apesar da unidade geográfica do subcontinente indiano, diz o diplomata François de Testa, este nunca foi politicamente unificado e a planície do Indus teve quase sempre a sua vida própria: desempenhava o papel de vestíbulo no qual se sucederam as influências estrangeiras”, (*Le Pakistan*). De fato, entre a Pérsia (Iran) e a China deram-se os principais acontecimentos políticos que dotaram de um história comum as regiões que formam o atual Paquistão, deslocando-se para leste o centro de gravidade. “A história da planície do Indus, diz o citado autor, como aliás a da maior parte da Ásia, é a história da luta dos nômades e dos sedentários”. A topografia predestinava a linha do Indus a semelhante destino pelos passos que os montes Suleiman abrem às correntes imigratórias pelo rio *Kabul* (Passo de Kaiber e Pechaver) pela quebrada de *Quetta* (Passo de Bolan) e pela orla costeira de *Makran*.

A extrema complexidade da história do Paquistão e da Índia nestes últimos cinco milênios é, pois, em grande parte, resultado destas condições geográficas oferecidas às ondas dos invasores provenientes do norte.

Somente nestes últimos cinquenta anos foram descobertos os sítios ocupados por civilizações de mais de três mil anos antes de Cristo. No Baixo-Indus e no Médio Indus, prosperaram sucessivamente os centros demográficos de *Mohenjo-Daro*, no Sind, e de *Harapa*, no Pendjab. No primeiro deles foram encontradas três cidades superpostas. Pelo Beluchistão, hoje paquistanês, estas civilizações estiveram ligadas à Suziana e à Mesopotâmia em época proto-histórica. De fato, os achados de escritura pictográfica lembram a cultura sumeriana e relações comerciais com *Sumer*. As escavações descobriram casas de vários andares, banhos, esgotos, ornamentos de cobre, de bronze e de ouro em locais que deixam acreditar que a queda de *Mohenjo-Daro* foi repentina, pois os conflitos de hegemonia se deram com *Harapa* e com *Amri*. No período de decadência, a civilização do Indus teria recuado para o sul, em *Chanu-Daro*, antes de desaparecer. Foi uma civilização de tipo urbano, centra-

lizada, de técnica adiantada, embora culturalmente pobre; domesticou gado, fabricou tecidos e trabalhou metais, pedras e barro, dando às suas esculturas uma certa elegância. Sua escrita permanece ainda indecifrável.

Seria longa a série de invasões a enumerar na história do Paquistão ligado à Índia indo-gangética; algumas entretanto devem ser lembradas:

a) Em primeiro lugar, 1700-1500 A.C. das margens do Báltico e pela Rússia chegaram ao planalto iraniano e ao Indus os arianos, utilizando cavalos e carros de rodas. Entraram pelo Passo de Kaiber. Com seus deuses trazem os seus *Vedas* e seu ritual; a mulher domina, o pai de família é sacerdote. Aos poucos sua religião evolui e passa ao *bramanismo* com a criação de castas. Contra esta filosofia, porém, se levanta a reação de *Saquiamani*, filho de um príncipe do Nepal e fundador do *budismo* (século V A.C.).

b) Abre-se, em seguida, a *era dos impérios persa* (Ciro, Dario, Xerxes) e *grego* (*Alexandre*, o Magno); impérios que destroem as hordas vindas da Ásia Central, mas que salvam a *Dinastia Mauria*, cujo grande imperante foi *Açoka*, convertido ao budismo e conquistador de quase todo o subcontinente indiano. Começaram nesta área as relações marítimas com o ocidente e a Europa. No tempo da *Dinastia Gupta*, uma invasão de *hunos* destrói a universidade búdica de *Taxila*.

c) Um período de anarquia é caracterizado pelas lutas entre reinos rivais da região himalaiana e da região indo-gangética, mas no século VII um *império Harcha* reúne o Pendjab, o Sind e ocupa Bengala.

d) No século VIII aparecem, por fim, os *muçulmanos*, vindos da Arábia. Eram negociantes, mas quando os piratas interferiram no seu comércio (712), fundaram uma aldeia de pescadores na foz do Indus, sítio atual de *Karachi*; daí expandiram-se subindo o rio Indus e durante trezentos anos dominaram até Bengala, sendo *Delí* sua capital.

e) Passando a hegemonia dos *turcos* foram efetuadas conversões ao Islão bem como novas conquistas no Afeganistão, Pendjab e na Índia Central até o Dekan; *Lahore* foi capital. Em 1526, *Babur*, descendente de Tamerlan, de-

pois de ser expulso de Samarcanda, veio a Lahore e fundou um novo império que durou outros trezentos anos. Foi o império "timorida" dito dos Grão-Mogóis. Nele destacou-se o grande reformador Akbar, célebre pela sua tolerância; foi quase convertido pelos jesuítas portugueses, mas não viveu para levar à efeito a sua tentativa de reunir em uma nação todos os povos de seu império. *Xá-Djahan* e *Aurengzeb* foram os últimos mongóis, destacando-se aos poucos em pequenos Estados independentes, caindo, por fim, Lahore, em 1739, em poder dos Persas.

f) Já no século XVII tinham os europeus entrado em conflito entre si a respeito de suas respectivas feitorias na Índia e a *East-India Company* havia fundado seu primeiro porto em Bengala. Foram aos poucos os ingleses se enfronhando no continente e levaram a efeito duas guerras contra o Afeganistão. Conquistaram o Pêndjab e o Sind dos Siks que ocupavam a região. Em 1857 deu-se a famosa *revolta dos Cipayos* e, em 1877, a *Rainha Vitória* era proclamada *Imperatriz das Índias*. Ficou assim o subcontinente indiano sob o domínio britânico, governado por sucessivos vice-reis, sendo em 1885 fundado o *Congresso Nacional Indu*.

*

Cedo começou esta assembléia a pregar a necessidade da autonomia e a fazer renascer o *induísmo*. O Vice-Rei *Lord Curzon* precipita a cisão criando uma nova província em *Bengala* e *Assam*, com capital em *Dacca* e população muçulmana (1905). Fundou-se logo ali a *Liga Muçulmana* chefiada por *Ahmed Khan*, hábil político. Um projeto muçulmano de separação é elaborado em 1940 e defendido por *Mohamed Ali Jinnah*. Com a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha é levada a prometer a independência à Índia. De fato, em janeiro de 1947, é criada a *União das Índias* e os ingleses evacuaram o país em seguida.

A divisão territorial entre a *Índia* e *Paquistão*, obtida em Londres, provoca uma série de dificuldades marcadas por desordens, conflitos, migrações e operações de polícia, complicada com a *questão da posse do Cachemir* e o problema das águas dos afluentes do Indus que estão ainda em poder da Índia, na sua parte superior. Do lado do

Afganistão também não faltaram dificuldades relativas a questões de limites e de populações. Nestas condições, os governos do Paquistão não julgaram possível manter a neutralidade que as nações recentemente independentes, em regra, procuraram manter em clima de "guerra fria". Por isso, em matéria de política exterior, o Paquistão, sempre fiel à Inglaterra, entrou no *Pacto de Bagdad* (1955) e no *SEATO* (1955).

O Paquistão, *Domínio* da Comunidade Britânica, em 1947, foi, em 1956, proclamado *República Islâmica*, continuando entretanto a fazer parte da *Comunidade*, reconhecendo a Rainha como símbolo da livre associação de nações do "Commonwealth".

A *Constituição de 1956* estabelecia um *presidente muçulmano* com mandato de cinco anos e uma *Assembléia Nacional* de 300 membros, representantes das duas alas territoriais da república.

Em outubro de 1958, o presidente *Iskander Mirza*, em vista das condições críticas que tinha de enfrentar seu governo, proclamou a lei marcial, demitiu as autoridades central e provincial, aboliu os partidos e a *Constituição*. Poucos dias depois entregou o poder ao Chefe do Exército, o *Marechal Ayub Khan* e ausentou-se do país. Várias vezes foi Ayub reeleito, sendo que, em 1965, teve o dobro de votos de sua concorrente, senhorita *Fátima Jinnah*, irmã do famoso Ali Jinnah, à memória de quem tanto deve o Paquistão a sua independência. Nova *Constituição* havia sido adotada em 1962.

Em 1959 ficou decidido o *deslocamento da capital do país* de Karachi para o interior, no planalto de Potwar, perto da cidade de Rawalpini, dando-lhe o nome de *Islamaboad*.

As mais importantes dificuldades políticas têm surgido, depois das *inundações do Paquistão Oriental*, sobre o problema da *separação definitiva* das duas partes de interesses tão diferentes.

3 — População e Línguas

O conjunto dos territórios paquistaneses eleva a cerca de um milhão de quilômetros quadrados a área daquele país (946.000 km²); sendo que o Pa-

quistão Ocidental é mais ou menos cinco vezes maior do que o Paquistão Oriental. Este, entretanto, é mais povoado, pois dos 93 milhões da República, conta com 51 milhões de almas.

As cidades principais são, na ala ocidental: *Karachi* (1.912 mil habitantes), *Lahore* (1.296 mil), *Hyderabad* (434 mil) *Multan* e *Rawalpundi* com mais de 300 mil habitantes cada uma. Na ala oriental figuram *Dacca* com 556 mil almas e *Chitagong* com 364 mil.

Quanto à religião, 97% são muçulmanos na parte ocidental e só 80% na parte oriental, onde cerca de 10% são induístas.

Em relação à *língua*, a situação do Paquistão é mais simples que a da Índia. No leste é falado o *bengali*, no oeste fala-se o *urdu* com algumas variantes, pois é língua com numerosas palavras turcas, árabes e persas. O *árabe*, escrito e falado, é língua corrente nas classes mais cultas. Até 1972 o *inglês* vem sendo mantido como língua oficial ao lado do *bengali* e do *urdu*.

O Paquistão mantinha, em 1965-66, mais de 10 milhões de alunos nas suas escolas *primárias*, *secundárias* e *profissionais*; dez são atualmente as suas *universidades*, com cerca de 27.000 estudantes.

4 — Situação Econômica

Quando foram efetuadas as disposições da partilha de territórios entre a Índia e os dois quinhões paquistaneses, muitos elementos de vida econômica foram seriamente prejudicados. É verdade que as grandes obras de irrigação realizadas pelos ingleses ficaram quase que totalmente na parte ocidental do novo Estado, mas os *recursos energéticos* para tratar da industrialização da *juta*, seu produto principal, ficaram nas usinas da Índia e em Bengala.

As estradas de ferro que couberam ao Paquistão eram de tipos e bitolas diferentes, tendo apenas valor estratégico.

Os administradores e técnicos indus, à frente de empresas paquistanesas, abandonaram seu campo econômico. O mercado indiano, por sua vez, fechou-se a propósito da melindrosa questão do Cachemir.

Tornou-se assim crítica a situação da economia paquistanesa e ficou reduzida nos primeiros anos aos recursos de sua exportação de *juta* e *algodão*. O *Plano Colombo* (1954) que pro-

curou acudir às nações do sudeste asiático e Indonésia, recebeu o auxílio dos Estados Unidos e beneficiou os muçulmanos também. O fato é que a situação econômica passou a ser dependente, principalmente da ação do Estado.

Sob o ponto de vista agrícola, o Paquistão é ainda país de grande *propriedade capitalista*, embora a *pequena lavoura*, mais ou menos endividada, subsista nas culturas de plantio do *chá*, *hévea* e *café*. O Estado fomenta o uso de *aparelhamentos modernos e de adubos*.

No Paquistão Ocidental, as canalizações e barragens, sempre multiplicadas, permitem, nas *terras irrigadas*, boas colheitas de trigo. É também praticado o *“dry farming”* ou cultura seca. Culturas secundárias são de *milho*, *cevada* e *frutas*. No Paquistão Oriental são de três colheitas anuais as culturas do *arroz* nas planícies deltaicas do Ganges e Bramaputra.

Quanto às *culturas industriais*, destacam-se no setor ocidental o *algodão* do Pendjab e Sind. É porém no setor oriental que, além do reputado *chá do Assam*, tão caro aos ingleses, são cultivadas a *cana-de-açúcar* e a *juta*.

A *juta* ou “corchorus” de Bengala é planta anual de 2 a 4 metros de altura e serve principalmente para a fabricação de *telas grossas para sacos* e acondicionamento. Cedo foi o Brasil, produtor de café, tributário da juta da Índia. Com o encarecimento do produto, a partir de 1943, passamos a plantar juta na Amazônia e a nos abastecer.

A *criação de gado* dispõe de rebanhos modestos, em razão das diminutas pastagens; além das indústrias que dependem da pecuária, são criados *carneiros* produtores de lã destinada à fabricação de *tapetes*.

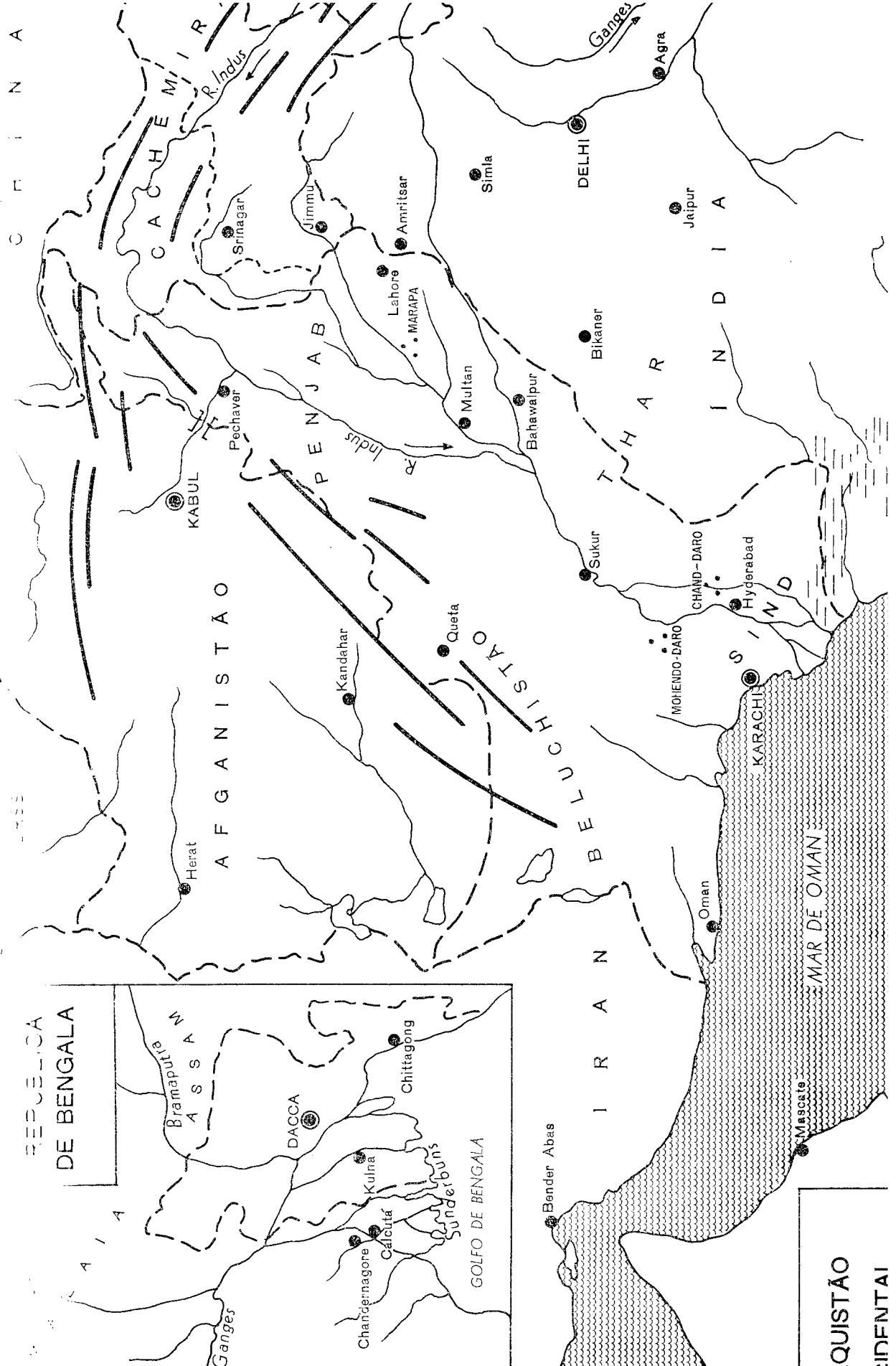
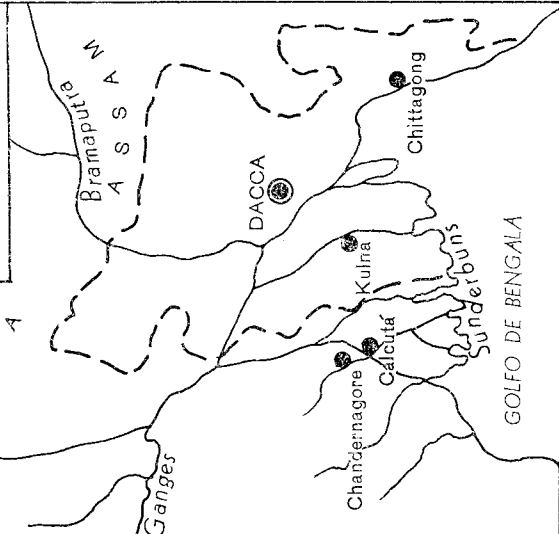
O auxílio do Estado tem sido o principal fator no desenvolvimento industrial nestas últimas décadas. Os investimentos são encorajados mas, além da falta de capitais particulares, o surto industrial é detido pela ausência de *recursos energéticos*. Riquezas não faltam, embora o *carvão* não seja abundante e a produção de *petróleo* ainda restrita; existem porém umas jazidas de *gás natural* no Sind que *oleodutos* ligam a Karachi e Multan.

A *indústria têxtil* aproveita a matéria-prima do país, isto é, *algodão* e *juta*. Neste último produto foi necessário partir da estaca zero, em 1947, para se chegar a 6.000 teares em 1955 e 30.000 em 1967. Várias outras indústrias (cimento, papel, máquinas) têm sido iniciadas.

C E F I N A

1955

REPÚBLICA DE BENGALA



QUISTÃO
IDENTAI

O comércio depende ainda dos progressos obtidos nas vias de comunicação. Foram modernizados os portos marítimos de *Karachi* e, no setor oriental, o de *Chitacong*. Uma linha aérea liga as duas cidades de *Karachi* e *Dacca*.

A tendência da política comercial do Paquistão não é propriamente protecionista, visa apenas restringir as importações de bens de consumo para dar prioridade a matérias-primas necessárias ao aparelhamento industrial. A divisão do país em dois territórios tão distantes não contribui para seu desenvolvimento econômico.

5 — O Problema do Cachemir

O *Cachemir*, ou antes, a Província Jammu-Cachemir é um território encaixado na parte ocidental mais elevada do maciço himalaiano. A maior parte deste território é formada por regiões glaciais demasiadamente frias para estabelecimentos permanentes de qualquer importância. É a região do *Karakorum*, onde o monte K-2 mede 8.614 metros. Na sua vertente sudoeste possui densas florestas, campos alpinos e solos de lavoura; nos seus vales de climas mais amenos vão turistas tanto para os desportos como para fazer visitas a sítios antigos onde encontram remanescentes da arte greco-budista, gupta e persa dos Sassânidas. Nestas condições o Cachemir pode ser considerado como uma "Suíça Himalaiana"; como aquele reduto alpino, seu território é isolado, embora suas fronteiras sejam indianas, paquistanesas, chinesas, tibetanas, russas e afgans.

O Cachemir é percorrido em toda sua extensão pelo curso superior do *rio Indus*, vindo nascer no setor noroeste a maior parte das águas que alimentam ou formam os Cinco-Rios, criadores do Pendjab, isto é, das regiões vitais do Paquistão Ocidental.

O Jammu-Cachemir ocupa uma área de 223.000 km², sendo pouco menor que o nosso Estado de São Paulo; deste total, 84.000 km² estão ocupados pelo Paquistão. Sua população, em 1961, era 3.500 mil habitantes, dos quais 2.500 mil muçulmanos. Seus centros principais são as cidades de *Srinagar* e *Jammu*, ligadas pela estrada que atravessa o *tunel do Jawahir*; *Srinagar* tem serviço diário de avião para Delhi e *Kabul*.

Sob o ponto de vista econômico, o Cachemir é ainda um país quase que exclusivamente agrícola, de produção

alimentar um tanto deficitária, embora a sua zona temperada produza várias frutas exportadas para a Índia. A *sericicultura* tem dado resultados e, na criação, destaca-se o rebanho de *carneiros*. Industrialmente, porém, as perspectivas são animadoras em virtude das grandes riquezas a explorar: carvão, ferro, bauxita, à espera de capitais e técnicos. Por enquanto prevalece o artesanato a domicílio, fábricas de tecidos, tapetes, bordados e artigos domésticos.

Historicamente o Cachemir, invadido de todos os lados pelas ondas migratórias de várias etnias, fez, a partir de 1586, parte do Império Mogol de *Akbar*; depois de 1756, foi território do *Afganistão*, sendo anexado pelos *Sikhs* em 1819. Acabou conquistado pelos ingleses, em 1846, que o anexaram pelo *Tratado de Amritsar*.

Quando se efetuou a partilha de 1947, surgiram as primeiras dificuldades, embora os limites entre províncias não constituíssem problemas. Os "protetorados" da Índia eram governados nominalmente por príncipes rajás e marajás (que foram desinteressados por compensações), revertendo seus direitos às Nações novas. No Cachemir o caso foi diferente, daí haver se tornado um caso internacional.

A província muçulmana do Cachemir e Jammu estava sob o governo de um *marajá induísta*; por ocasião da independência, lá se deram distúrbios populares, levando o marajá a solicitar a intervenção de forças militares indianas que foram logo enviadas. O Paquistão protestou e permitiu que tropas irregulares *paquistanesas* entrassem em conflito armado com os indianos. Havia na questão um fundo étnico-religioso. Foi então que o grande pacificador *Gandhi* interveio e, por um novo período de jejum, procurou fazer cessar a guerra, recorrendo a uma solução justa por *arbitramento*. Em janeiro de 1948, porém, um fanático induísta assassinava o herói indiano, fato que abalou profundamente a opinião pública e interrompeu a luta. Recorreu-se então às *Nações Unidas*. Mas a solução por plebiscito não foi aceita pelos contendores. Nestas condições, em 1949, foi traçada simplesmente uma linha de "cessar fogo" entre a Índia e o Paquistão.

Deixou de ser levada a efeito a proposta de acordo prometida e a situação continuou tensa entre as duas potências do subcontinente. O Paquistão vem receiando de alguma ação de engenharia hidráulica com barragens nos cursos superiores das águas dos Cinco-

Rios, região vital do Pendjab. Por outro lado, as *tendências separatistas* do Paquistão Oriental comprometeram a vida social e política, cujos elementos econômicos, entretanto, eram promissores.

O contraste econômico, as diferenças étnico-sociais e a grande distância que separam as duas regiões do Paquistão são fatores de oposição que vem se acentuando desde a independência e que, em fins de novembro de 1971, passaram a constituir um estado de guerra.

O triunfo eleitoral do *chefe bengali Mujibur*, em 1970, foi seguido de um projeto de maior autonomia do Paquistão Oriental que causou o conflito e a prisão deste estadista como "separatista". Por ocasião das enchentes, milhões de bengalis procuraram refúgio em terras da Índia, o que tornou mais complexo o caso internacional, determinando a intervenção deste último país em favor da separação. O presidente do Paquistão Ocidental, *Yaya Khan* renunciou e foi substituído por *Ali Bhutto*, partidário de mudanças políticas e sociais.

A queda do Paquistão vem assim envolvendo a Índia que, desde a independência, tem motivos de dissentimentos com a república muçulmana, sua dupla vizinha.

Mas isto não ficou restrito ao caso, visto que a situação se tornou mais amplamente internacional com a *manifestação da Rússia*, aliada da Índia, a favor de uma Bengala independente, enquanto a *China* favoreceu a causa do Paquistão Ocidental. As duas grandes potências recomendam, entretanto, a moderação e a paz.

O problema não envolve interesses de uma grande guerra, mas, por enquanto, circulam as notícias mais desencontradas de conflitos armados. Em compensação não deixam de ser muito ativas as negociações diplomáticas em Pekim e Moscou. Não há dúvida de que um papel importante cabe ainda à Índia que levou à formação de uma *República de Bengala*, na qual, restabelecida a normalidade, se abre um futuro econômico promissor.

(março de 1972)

Argentina: terminal de rotas no Atlântico Sul

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBG

1 — País das Águas e Desertos

A *Argentina* é, depois do Brasil (8.511.000 km²), o segundo país da América do Sul em superfície, medindo 2.808.602 km². De forma triangular com o vértice apontando para o sul, possui fronteiras com o Uruguai, Brasil, Paraguai, Bolívia e Chile, numa extensão linear de 10.200 km; seus ... 3.800km de litoral abrangem as áreas banhadas pelo oceano Atlântico, incluindo as dos rios da Prata e Uruguai.

No Atlântico, a fachada argentina apresenta dois tipos fundamentais de costas — o *Patagônico* e o *Pampeano*. O setor *Patagônico*, da ponta Rúbia para o sul, até o estreito de Magalhães, é alto e sinuoso; as duas grandes reentrâncias são ocupadas pelos golfos de S. Matias e S. Jorge. O setor *Pampeano*, seguindo da ponta Rúbia para o norte, até o delta do Paraná é plano e não apresenta quase acidentes. Aí o rio da Prata constitui-se, na realidade, no terminal das rotas internacionais que demandam ao Atlântico-Sul; a partir de 35 graus de latitude, os portos argentinos vivem quase que exclusivamente em função da navegação de cabotagem.

O Prata é um braço de rio, considerado como o mais amplo do Mundo, formado pela confluência do Paraná e Uruguai. Permite o acesso a um sistema fluvial cuja bacia, no seu conjunto, abrange 4.350.000 km². Seu comprimento é de apenas 275 km, alcançando, em sua largura máxima, cerca de 220 km; sua foz não pode ser classificada como estuário nem golfo, representando, no entanto, um tipo misto de ambos.

O leito inferior do Prata apresenta numerosos bancos, onde a profundida-

de é de apenas 2 metros; entre eles, os canais utilizados pelos navios, apresentam 20 metros, e o que atinge Buenos Aires, numa extensão de 200 metros tem que ser constantemente dragado. As águas do Prata são doces, desde a sua nascente até a foz do rio Samborombón. Pertencem ao sistema platino os rios Paraguai, Paraná e Uruguai.

O curto trecho da margem direita do rio Paraguai que pertence a Argentina, entre os cursos do Pilcomayo e Paraná, é baixo e inundável. O *Pilcomayo* e *Bermejo* são seus únicos afluentes de regime permanente, que cortam a *planicie seca do Chaco*. Já o rio Salado não tem curso bem definido, pois desaparece em várias áreas por onde corre formando braços secundários e lagoas.

O Bermejo, arrastando sedimentos barrentos do Chaco e o próprio Paraná, trazendo a terra roxa do planalto Brasileiro, contribuem para o fenômeno de obstrução que se processa no delta deste grande rio; nestas condições, embora o Paraná se constitua na mais importante artéria fluvial do país, apresenta grandes dificuldades à navegação. Graças a esse fato, quando em 1967 reuniu-se a *Primeira Conferência de Chanceleres da Bacia do Prata**, foi apresentado o projeto de "Obras do Múltiplo Desenvolvimento Fluvial do rio Bermejo" que, além de prever a canalização conveniente deste rio, incluiu a construção de canais navegáveis para a futura conexão Atlântico-Pacífico, em combinação com o sistema ferroviário. Com a abertura de dois canais navegáveis, um com 700 e o outro com 1.000 km de comprimento, desembocando no alto e médio Paraná, auxiliados por seis grandes diques com capacidade para armazenar 9.500 m³ de águas, graças aos degelos do Bermejo, estaria formada na região uma rede navegável para servir à Argentina e todos os países seus vizinhos; com três grandes portos terminais também previstos, estaria ativado o comércio. Por outro lado, com as seis centrais projetadas, a produção energética produziria anualmente cerca de 3.000.000.000 kw. Como o Bermejo atravessa o Chaco Argentino, através de 1.300 km, favoreceria, segundo o plano estudado, a irrigação de 750.000 hectares de terras.

Enquanto não se resolve este problema o governo argentino iniciou as obras de um túnel sob o rio Paraná, considerada entre as de prioridade na-

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 21.

cional. Superando as dificuldades de navegação neste rio, o túnel subfluvial deve unir as cidades de Paraná e Santa Fé através de 36 tubos interligados, cobrindo uma distância de 2.400 metros. O objetivo é o de unir a Mesopotâmia com as regiões dos Pampas e Chaco, já que outro túnel similar está em cogitações, partindo de Zarate no delta do Paraná, a fim de atingir Corrientes.

A vinculação das regiões pampeana e mesopotâmica argentinas realiza-se, hoje, através de sistema já obsoleto das balsas que cruzam os dois grandes braços do Paraná, denominados Paraná-Guazu e Paraná das Palmas. Anualmente, essas balsas transportam cerca de 1.500.000 pessoas, 700.000 automóveis e 130.000 caminhões. A semelhança do que estamos fazendo com a Amazônia, o governo argentino pretende integrar ao resto do país esse território de 200.000 km² que compõe a Mesopotâmia Argentina com um dos primeiros lugares na Nação na produção de cítricos e arroz, possuindo estoque considerável de gado bovino e ovinos, e constituindo-se no empório avícola de Buenos Aires. Nestas condições, para melhor e maior intercâmbio, pretende-se construir uma ponte na altura de Corrientes, unindo-a com Resistência; completará a integração o complexo Zarate (Pampas)-Brazo Largo (Província de Entre-Rios) que, através de uma extensão de 34 km de pontes e viadutos cruzando rios, porá fim ao isolamento secular das Províncias de Missões, Corrientes e Entre-Rios.

Uma das chaves do desenvolvimento hidrelétrico da Argentina encontra-se nos rios Uruguai e Paraná; no entanto, o aproveitamento de Salto Grande e Apipé tem que resultar antes num entendimento com os países limítrofes do Uruguai e Paraguai. Com relação à Salto Grande, no rio Uruguai, estão previstas duas centrais em cada margem com potência de 720.000 kw; o projeto, que data de 1946, inclui ainda a obtenção de água potável, irrigação e melhor aproveitamento na navegabilidade. Após 40 anos de estudos, a Comissão Paraguai-Argentina concluiu em 1969 sobre a viabilidade do aproveitamento dos Saltos do Apipé; pretendem os dois países construir uma central com capacidade de 2.000.000 kw, bem como comportas para facilitar a navegação no local, e um canal de derivação até o rio Uruguai.

Os demais rios argentinos dignos de menção já se apresentam como tributários diretos do Atlântico: são os rios patagônicos de regime nival, provenientes da região andina.

O Rio Negro constitui-se na outra grande fonte hidroelétrica do país, possuindo já em funcionamento quatro centrais: Engenheiro Cipolletti (produção anual de 5.000.000 kw), Engenheiro Julián Romero (20.000.000 kw), Engenheiro Emilio Trey (4.000.000 kw) e Engenheiro Guillermo Céspedes com potência instalada em 5.000 kw. Para que se torne ainda mais efetivo o potencial hidroelétrico desta região, pretende o governo argentino construir no rio Limay uma represa de 1 km de comprimento e 70 metros de altura; constituirá o lago artificial de Chocón com capacidade máxima de 20.000 hectolitros cúbicos, o dobro do que apresenta o lago natural de Nahuel Huapi. Prevê-se para o Chocón seis grupos de geradores com produção anual de ... 3.300.000 kw. Outra represa no rio Neuquén, também pertencente à bacia do rio Negro, denominada Cerros Colorados, represarà mais de 43.000 hectolitros cúbicos, em superfície de 620 km², portanto quase a metade do Estado da Guanabara; nesta represa, três grupos de geradores poderão produzir anualmente 1.500.000 kw. Formando um complexo único Chocón-Cerros Colorados serão conectadas à chamada Buenos Aires por duas linhas de 1.100 km com tensão de 500 kw.

Essas obras gigantes impedirão, por outro lado, as enchentes catastróficas do rio Negro, cujo caudal de ... 11.000 m³/segundo passará a ser de 4.500 m³/segundo. Por outro lado, favorecerá a irrigação de área bastante vasta, calculada em pouco mais de 300.00 hectares. O custo das obras, prometidas para 1973, está orçado em 387 milhões de dólares.

São abundantes as formações lacustres no país. No norte, o Mar de Chiquita é a mais importante, com área avaliada em 1.000 km², maior portanto que o Mar Morto. Localiza-se entre Córdoba e Santa Fé, e sua profundidade nunca ultrapassa 2,80 m. Lago salgado, seu grau de salinidade varia quando coleta maior ou menor quantidade de águas; no período em que suas águas baixam apresenta-se com 176% de salinidade.

Nas imediações do rio da Prata são numerosas as lagunas de água doce, porém bem mais importantes são os lagos dos Andes Úmidos que se estendem desde 38 graus de latitude até a Terra do Fogo. De origem tectônica glacial ocupam depressões formadas por movimentos que originaram o sistema Andino.

O Nahuel Huapi, com uma superfície de 550 km² apresenta profundidade de 440 metros; encontra-se ao lado de outros lagos menores no Parque Nacio-

nal que leva o seu nome (7.850 km²), onde se situa o *centro turístico de San Carlos de Bariloche*, muito procurado pelos que praticam esportes de inverno.

O *lago Buenos Aires* com 2.240 km² é o maior dentre os encontrados nos Andes Patagônicos na fronteira com o Chile, pertencendo à Argentina apenas 88 km² de sua superfície. A 217 metros de altitude, está em local bem mais baixo que o Nahuel Huapi (767 metros), donde estar este último em local cognominado "coração da Suíça Argentina".

Já o *lago Argentino* (1.540 km²), o mais meridional do país, a 200 metros de altitude, recebe grandes blocos de gelo procedentes dos setores andinos próximos, porém mais altos. Está ligado ao *lago Viedma* (1.220 km²) através do rio Leona.

Graças a existência da riqueza aquática constituída por lagos e rios que escalonam os Andes, através de 4.000 km de fronteira entre a Argentina e Chile, entenderam-se sobre a questão os dois governos, em agosto de 1971. Ficou estabelecido, então, que a utilização destas águas far-se-á sempre de forma construtiva e razoável; neste sentido os dois países procurarão "evitar qualquer forma de contaminação dos sistemas fluviais e lacustres, preservarão os recursos ecológicos e fontes comuns nas zonas de suas respectivas jurisdições". O sistema de consultas periódicas pré-estabelecido na ocasião, tenderá a evitar conflitos.

Considerando-se que aproximadamente 50% do território argentino corresponde às zonas áridas e semi-áridas, com precipitações compreendidas entre zero e 500 mm, podemos bem avaliar o valor econômico representado pela hidrologia do país. Nestas condições, exercem papel preponderante as bacias artesianas de Bahía Blanca e Córdoba, ao lado de outras espalhadas pela planície Pampeana. Grande parte da agricultura e pecuária subsiste em função dos numerosos moinhos que extraem água do subsolo. O grande vazio demográfico na Patagônia está em grande parte condicionado à falta de água potável.

Assim, contrastando com a grande quantidade de água existente em certas áreas, a Argentina apresenta verdadeiros desertos, denominados vulgarmente "travesias". São elas: a *Puña do Atacama* nos Andes Setentrionais, que se estende também através do Chile; as localizadas nos altiplanos entre os rios Negro e Colorado e as dos Pampas Áridos entre La Rioja, San Juan e Catamarca, onde pontilham as salinas ou "saladeros", prolongando-se até o Chaco na região de Jujui e Salta.

Do extremo sul ao norte, já na fronteira com a Bolívia, a distância percorrida pelo território argentino é de 3.693 km; em sua maior largura possui o país 1.423 km. Terra de montanhas, planaltos e planícies, abrange áreas que vão desde o Trópico de Capricórnio até 55 graus de latitude sul, já na região subantártica; a Argentina apresenta, assim, *climas variados e diferentes regiões naturais*. É o país dos grandes contrastes, já que suas temperaturas médias oscilam desde os 25 graus, graças a influência tropical na Região de Missões, até 5 graus na Terra do Fogo. Por outro lado, observava-se em plena zona tropical do território argentino temperaturas que em nada diferem da pré-glacial.

De um modo geral, de oeste para leste e de norte para o sul, as chuvas vão-se escasseando; o que não impede que, dentro de uma mesma área de região natural, a pluviosidade se distribua de modo desigual formando uma zona seca e outra úmida.

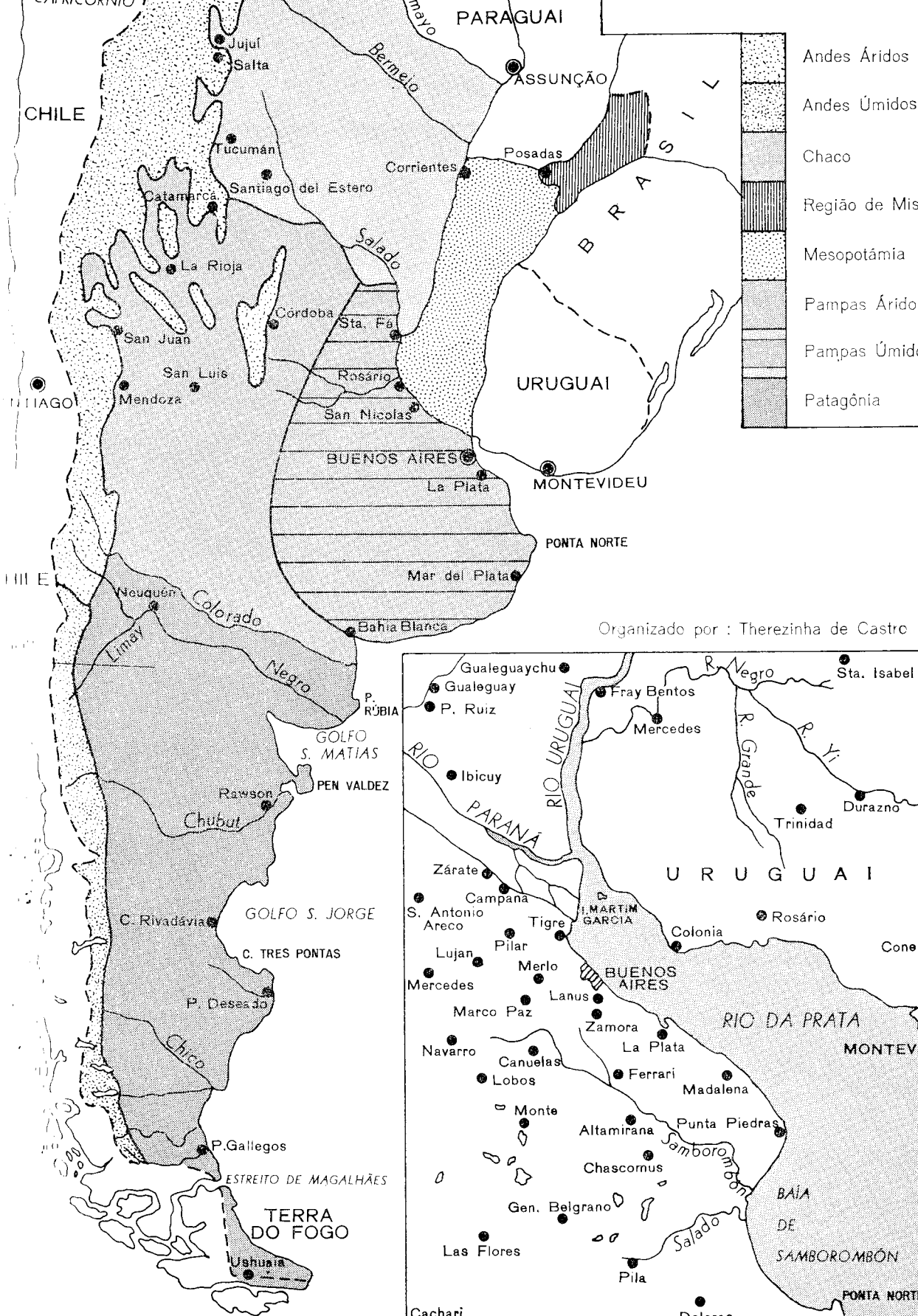
Conclui-se, diante desses dados gerais, que a natureza em território argentino não é uniforme e, nestas condições, seus recursos econômicos são variados, distribuídos segundo as regiões naturais.

2 — Aspectos Geoeconômicos

No oeste, a Argentina é país de altas montanhas, pois, de norte a sul, a *cordilheira dos Andes* marca sua fronteira com o Chile.

Os Andes Setentrionais apresentam-se bem mais elevados, onde sobressaem os picos vulcânicos com altitudes que vão dos 6.000 aos 7.000 metros, culminando no *Aconcágua* (7.040 metros). Para noroeste, prolongando-se até o altiplano da Bolívia, a região é bastante seca, o ar rarefeito, enquanto os ventos fortes se associam para impedir a implantação dos aglomerados humanos. É a região da *Puña do Atacama*, planalto com 5.000 metros de altitude. A paisagem apresenta aspecto desolador; além dos numerosos rebanhos de llamas, animal nativo, são criados com grandes dificuldades pequenos rebanhos de bovinos e ovinos, numa típica economia de subsistência indígena.

As serras que atravessam a Puña formam entre si verdadeiras bacias; nestas, as antigas erupções vulcânicas formaram extensos depósitos de sais cobertos por argila numa superfície de aproximadamente 10.000 km². Estes imensos desertos salgados ou salares atraíram, no passado, levas de mineiros, *explotadores de sal e bórrio*. Eram



Organizado por : Therezinha de Castro

espanhóis, conduzidos pelos incas através de duas gargantas, passagens naturais de difícil acesso, porém essenciais à circulação: a *garganta de Cumbre*, hoje aproveitada por uma ferrovia que une Mendoza a Santiago do Chile e a *quebrada de Humahuaca* que, permitindo chegar ao planalto Boliviano, recebeu também os trilhos de uma via férrea, elemento de ligação entre a Argentina, Bolívia e Peru.

As *jazidas de bório* encontradas na Puña são, segundo estudos recentes, estimadas em 250.000.000 de toneladas, consideradas por isso como as mais importantes do mundo, pois têm capacidade para abastecer durante 500 anos o mercado internacional, desde que o consumo se mantenha na faixa das 500.000 toneladas. No entanto, a localização geográfica destas jazidas, afastadas das grandes fontes de consumo, só produzem bório (10.000 toneladas anuais) para abastecer o mercado interno do país através da "The Borax Consolidated Company".

Por outro lado, as *jazidas petrolíferas de Salta* são também bastante promissoras. As grandes espessuras das bacias sedimentares aí existentes, ultrapassando capeamentos estratigráficos de 10.000 metros, exigem perfurações de 3.000 a 4.600 metros para se atingir o lençol petrolífero. O poço n.º 6, perfurado em Campo Durán, com rendimento de 150 m³ diários permitiu que, a partir de 1951 começasse a ser explotado pelo YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales) uma potente bacia com produção entre 420 a 650 m³ diários de petróleo e 700.000 a 1.080.000 m³ diários de gás. Graças ao fator promissor, embora distando a região ... 1.500 km dos principais centros de consumo, o governo argentino construiu para o escoamento dessas riquezas, um oleoduto de Campo Durán até San Lorenzo e um gasoduto até Buenos Aires.

Salta (499.000 habitantes) * domina esta região quase que despovoada, pois apresenta apenas 3 habitantes/km². Fundada por Fernando de Lerma em 1582, relíquia colonial do país, viveu no passado do intercâmbio do ouro e prata com o Peru. Foi a "voz do deserto" na luta pró-independência, quando os saltenhos tiveram à frente a figura do guerrilheiro Martin Güemes. Desde 1966 o CODESA (Conselho do Desenvolvimento de Salta) procura integrar ao país esta rica região marcada por profundo desequilíbrio com as outras. Salta precisa crescer tanto comercial quanto industrialmente; o ar-

tesanato, representado pelos tecidos com pele de vicunha, llama e ovelha, exposto em cerca de 7.000 peças na "Primeira Grande Feira de Artesanato Saltenho" (1967), funciona ainda ao impulso da água dos moinhos. Já a *indústria vitivinícola* vive em função das centrais hidroelétricas e térmicas.

A *siderurgia*, embora recente na região, vem promovendo o desenvolvimento de *Jujuí* (290.000 habitantes). Predominam, no entanto, as *indústrias mais antigas ligadas às atividades agrícolas*, desenvolvidas nos solos favoráveis ao cultivo intensivo de produtos tropicais, entre os quais o da *cana-de-açúcar*, dando apenas para abastecer as necessidades do país. Neste setor, a mão-de-obra é parcialmente local, já que predomina a *imigração golondrina*, pois os operários não se radicam de forma permanente, procurando o local de tempos em tempos, segundo as necessidades de trabalho.

De *San Juan* (425.000 habitantes) para o norte, a população se aglomera de um modo geral nos *oásis de culturas do fumo e cana-de-açúcar*. A densidade populacional vai, porém, diminuindo segundo a maior ou menor quantidade e qualidade de terras próprias à agricultura intensiva; donde os exemplos de *Catamarca* (206.000 habitantes) e *La Rioja* (153.000 habitantes).

Os *Andes Meridionais*, com altitudes menos elevadas que as do norte, graças à erosão glacial mais ativa, já se apresentam com maior umidade e, por conseguinte, com *paisagens florestais*.

Numerosos *lagos*, entre os quais o Nahuel Huapi, Buenos Aires, Argentini e Viedma, circundados por bosques de coníferas, cercados por montanhas nevadas, transformaram-se em centros turísticos e paraíso de pesca esportiva da truta e salmão. O governo argentino mantém aí várias estações de piscicultura para a proteção das espécies; assim, de 15 de abril a 31 de outubro de cada ano fica proibida a pesca, pois é a época da procriação.

A *pesca comercial de água doce* realizada nos lagos e rios é ainda insignificante, se comparada com a *marítima*. Por sua vez, a fauna marítima é também pouco aproveitada, se levarmos em conta que apenas 10% do potencial pesqueiro se concentra nas águas do norte, tanto na plataforma continental como no talude argentinos.

Em 1966, Walter Herwing, do Instituto de Investigações Pesqueiras da Alemanha Ocidental, estudando a região litorânea argentina, concluiu que este país poderia, à semelhança do

* Os dados se referem ao total na Província, segundo estimativa de 1969.

Peru, transformar-se em potência pesqueira. Embora a 5 de janeiro de 1968 o governo argentino tenha decretado a distância de 200 milhas para a extensão de suas águas territoriais, a produção pesqueira vem seguindo o pequeno ritmo de crescimento dos anos anteriores.

Ano	Toneladas	Produção Mundial
1962	100.000	0,22%
1963	130.000	0,27%
1964	170.000	0,32%
1965	200.000	0,39%

O encontro das correntes Brasileira (quente) e Falklands (fria) favorece as condições pesqueiras no litoral argentino, graças ao plancton vegetal e animal que transportam para o local. A *merluza*, pelo seu valor econômico, é a espécie mais procurada (50% do total pesqueiro), seguindo-lhe o *atum*, *pescadinha* e *mariscos*. Na pesca fluvial o *sável* representa 84% da produção, vindo em seguida o *surubi*, *robalo* e *dourado*; o rio da Prata fornece a maior quantidade de peixes (38%) vindo depois o Paraná (30%) e Uruguai (24%). Nos lagos, a pesca alcança somente 8% do total.

Como a alimentação básica do argentino é a carne bovina, as dádivas marinhas, fluviais e lacustres não alcançaram o seu devido aproveitamento.

O Chaco, Mesopotâmia e Missões formam, em conjunto, a região subtropical, na fronteira com a Bolívia, Paraguai, Uruguai e Brasil.

O Território de Missões forma uma cunha no Brasil entre os rios Paraná e Uruguai. Graças à estação seca e chuvosa definidas é a zona das grandes florestas, onde os argentinos exploram a *erva-mate*, bebida nacional por excelência. No entanto, a *araucária*, prolongamento do complexo florestal brasileiro, é a que fornece melhores perspectivas econômicas. Os "mensu", descritos por Horácio Quiroga, são os exploradores destas florestas. Como mensalistas, trabalham para os *contratadores*, donos de armazéns empresariais; essas verdadeiras organizações florestais de caráter econômico são denominadas "obrajes". Como as "obrajes" não seguem um planejamento sistemático de exploração, na Argentina a atividade tomou o cunho predatório que a Administração Nacional de Bosques vem tentando corrigir, impondo a *Lei Florestal*.

Os *bosques*, cobrindo 22% da superfície total do país (60 milhões de hec-

tares), apresentam grandes reservas no Chaco. As possibilidades econômicas desta região se apresentam maiores ou menores de acordo com as precipitações, que vão diminuindo de 200 milímetros a cada 100 km que caminhamos para o oeste. Nestas condições, nas margens direitas dos rios Paraguai e Paraná se estende uma faixa florestal com cerca de 400 km de largura; é a zona do *quebracho* (branco e vermelho), do *lapacho* e *algarobeira*. Do quebracho vermelho, a espécie mais procurada, é extraído o tanino com aplicações industriais na farmacologia, curtumes e corantes. A algarobeira é também fornecedora de tanino, enquanto o lapacho é madeira tintorial. Em seguida a essa zona, surgem os bosques de palmeiras onde abundam os carandais, estendendo-se até as imediações do Mar de Chiquita; o *carandá* é palmeira encontrada também na nossa Amazônia, onde tem o nome de buritirana. Nesta região dos palmeirais os solos aluvionais favorecem boas colheitas de algodão e milho, intercalando-se os pastos para as atividades pecuaristas.

Apesar dos 13 habitantes/km² que apresenta a Região de Missões, não existem aí grandes aglomerados urbanos; a população encontra-se dispersa pelas colonias pioneiras selva a dentro. Cumpre-nos, assim, destacar apenas a cidade de Posadas (476.000 habitantes), centro portuário no rio Paraná, ponto de contacto internacional com Encarnación no país vizinho — Paraguai.

Em suas imediações, *Corrientes* ... (641.000 habitantes) domina as planícies da Mesopotâmia que nunca ultrapassam os 100 metros de altura. Constituindo-se em paisagem das palmeiras e savanas, é zona de criação por excelência, principalmente nas *pradarias de banhados*, pantanais cobertos por vegetação que serve de alimento ao gado e terras próprias à cultura do arroz. Localizada na zona onde confluem os rios Paraguai e Paraná, Corrientes, dominando uma área com apenas 6,75 habitantes/km², constitui-se em porto fluvial de contacto com Assunção, capital paraguaia, através de outro centro intermediário menor, que é Formosa (217.000 habitantes).

Por sua vez, *Resistência* (641.000 habitantes) vem-se transformando em núcleo urbano de grande vitalidade graças à combinação econômica algodoeira-pecuarista, embora Paraná ... (947.000 habitantes), por sua maior proximidade com os grandes centros dos Pampas, apresente mais movimento. Já *Santiago del Estero* (561.000 habitantes) na parte ocidental, deve sua

existência à posição geográfica que ocupa na diagonal fluvial do Salado e Dulce. Finalmente *Tucumán* (938.000 habitantes), dominando a região açucareira, é o núcleo de maior expressão no Chaco; em virtude dos minifúndios dedicados ao cultivo da cana-de-açúcar, esta região é das mais densamente povoadas do país, com 39,2 habitantes/ km^2 .

A *Patagônia*, formada por planaltos cujas altitudes vão baixando à medida que nos afastamos dos Andes em direção ao Atlântico, é *região desértica e fria*. Os pequenos grupos populacionais deste vasto território que, de um modo geral, não possui nem 1 habitante/ km^2 , estão nos *oásis fluviais, vales ou depressões*, onde pode-se dispor de água potável; protegidas dos fortes ventos, essas regiões permitem ainda a pequena agricultura de subsistência constituída sobretudo por frutas e hortaliças.

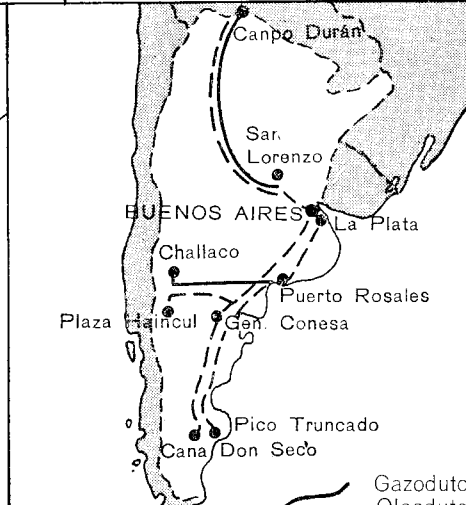
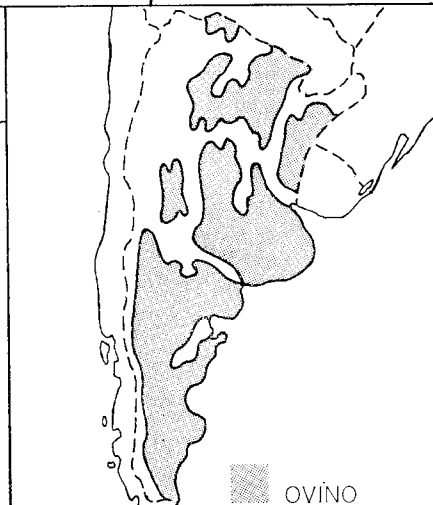
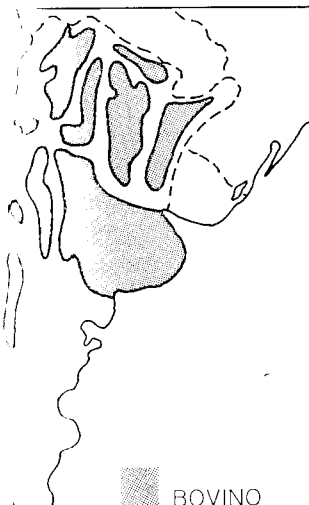
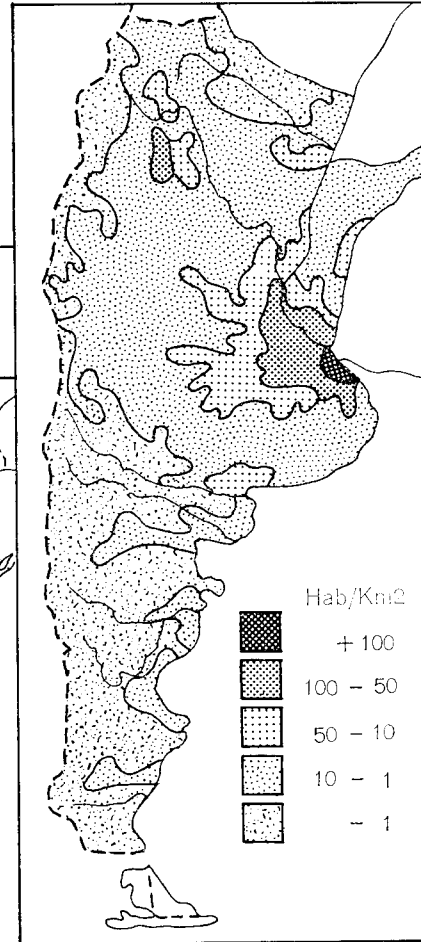
As ditas frutas européias, representadas pela *ameixa, pera e maçã*, exigindo terras com invernos suficientemente frios, verões secos e água devidamente regulada pela irrigação, encontram na Argentina áreas propícias de Mendoza para o sul. Nestas condições, sobressai-se a *zona de regadio do rio Negro* com 44% do total produtivo, seguindo-lhe as *terras circunvizinhas a Mendoza* com 38%. Essa produção criófila (amiga do frio), destina-se a abastecer os centros consumidores argentinos, ficando parte convenientemente selecionada nas câmaras frigoríficas para serem exportadas, principalmente para o Brasil; uma terceira parte é utilizada na industrialização da cidra.

Os principais núcleos como *San Antón*, *Puerto Madryn*, *Raúson*, *Puerto Deseado* e *Rio Gallegos* surgiram em função da necessidade do transporte. No interior, as *atividades agropecuárias* ou *zonas mineiras* favoreceram o aparecimento e desenvolvimento de *Sarmiento*, *Tecka*, *Neuquén* e *Plaza Haincul*. Já *Comodoro Rivadavia* deve sua fundação, em 1901, à solicitação dos colonos dedicados à agricultura e pecuária, espalhados pela área do rio Chubut. Seu desenvolvimento, porém, só tem início em 1907 com a *descoberta do petróleo*. O núcleo petrolífero encontra-se a 3 km ao norte da área urbana por onde passam os oleodutos e gasodutos. Vive aí o pessoal especializado da YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales), bem como os que trabalham no complexo industrial da petroquímica, utilizando o gás do petróleo, bem como os de uma fábrica de cimento que se valem dos bancos de calcário e ostras fósseis.

As *jazidas petrolíferas das bacias do Negro, Chubut e Chico* são as mais exploradas no país, graças não só aos maiores rendimentos que proporcionam, mas, sobretudo, pela melhor posição geográfica se comparadas com as de Salta. Na depressão formada pelo golfo de S. Jorge a média de profundidade das perfurações é de apenas 800 metros; estendendo paulatinamente seu raio de ação através de 120 km, atingiu a região de Sarmiento, onde a produção é de 40 a 80 m^3 diários. Embora exista uma destilaria em Comodoro Rivadavia, a maior parte da matéria bruta segue via marítima daí para San Lorenzo e La Plata. As jazidas de Plaza Haincul e Neuquén determinaram a construção de um oleoduto entre Challacó e Puerto Rozales com capacidade potencial para o transporte de 3.600 a 7.000 m^3 diários de petróleo. Como complemento, dois gasodutos conectam Pico Truncado e Cañadon Seco, na bacia do rio Chico, com Buenos Aires e La Plata, passando pelo golfo de S. Jorge, onde se completam com o que demanda do interior de Plaza Haincul até General Conesa. Para termos uma idéia da produtividade patagônica, basta citar que o gasoduto de Campo Durán a Buenos Aires conta com uma capacidade total no transporte de 7.000.000 m^3 diários contra 11.300.000 m^3 diários da região meridional, englobando no conjunto as bacias do Negro, Chubut e Chico.

A 260 km de *Rio Gallegos*, no extremo sul do país, estão as *jazidas carboníferas de Rio Turbio*. São ainda as perspectivas, embora o manto de Dorothea se apresente como um dos mais produtivos no país, com longitude comprovada de 47 km, abrangendo uma reserva total de 246.500.000 toneladas. No entanto, a exploração intensiva requer, entre outras melhorias, a ampliação das usinas termoeletricas, equipamento do porto de Rio Gallegos, a fim de que fique assegurado o transporte do carvão desde a boca da mina, onde trabalhos geológicos e mineiros são realizados pelo YCF (Yacimientos Carboníferos Fiscales).

No setor da *pecuária*, a Patagônia transformou-se na *zona criadora de ovinos* por excelência. Os campos locais, denominados *invernada e veranada*, embora açoitados por tempestades de inverno, possuem bons pastos ou *mallines* durante o verão; nestas condições processa-se a *transumância temporária* de pessoas e animais, segundo as características climáticas. As raças ovinas preferidas (merino argentino e australiano) são *produtoras de lãs finas*, sendo a criação feita dentro



do regime extensivo graças ao ambiente fisiográfico; nas pradarias fueguinas porém, onde é bem maior a precipitação, a vegetação rasteira melhor favorece a criação mais intensiva dos ovinos. *Ushuaia*, capital da Província da Terra do Fogo (7.000 habitantes) surge aí como a aglomeração urbana mais meridional do Mundo.

Uma *planície imensa*, desprovida de árvores, caracteriza outra região natural argentina denominada *Pampas*. Contrastando com a Patagônia, constitui-se na *mais zona fértil aproveitada no país*, estendendo-se por 645.000 km² com altitudes que variam do nível do mar aos 20 metros apenas; aliás, *pampa* no idioma indígena dos quichuas significa planície.

A área pampeana que circunda a bacia do Prata é úmida. Aí estão *concentrados 2/3 da população total do país* que, em junho de 1969, foi estimada em 23.983.000 habitantes; deste conjunto podemos citar que só a Província de Buenos Aires, incluindo a parte urbana da capital, possui 11.633.000 pessoas. Podemos assim concluir que *68% da população local se aglomera num raio de 700km em torno de Buenos Aires*, em setor que não chega a representar 22% da superfície nacional.

Trata-se de zona onde *a população é a mais urbanizada da América Latina*. Pode-se ver aí, também, que a Argentina é o *país mais branco do continente*. Cerca de 90% do efetivo populacional descende dos *espanhóis* ou fortes contingentes imigratórios liderados por *italianos*, que a partir de 1860 passou regularmente a entrar no país. Por outro lado, enquanto o *continente indígena* foi quase que totalmente dizimado, graças ao seu caráter belicoso e animosidade com o elemento colonizador; o *elemento negro* não foi levado para o país, pois além de não se adaptar ao clima, a região nos tempos coloniais foi criadora, jamais utilizada nas grandes plantações que exigiam escravos africanos.

Nos Pampas úmidos são explotados *9/10 das culturas do país*, graças à facilidade dos transportes, boa distribuição das chuvas e, sobretudo pelo fato de ser o seu solo constituído por loess, sedimentos fluviais e cinzas vulcânicas. A cultura de cereais, dentre as quais a do *trigo*, que tornou a Argentina um dos abastecedores mundiais com 60% das exportações, se circunscreve quase que totalmente a esta área. Comparando-se com as demais zonas do país dedicadas à *pecuária*, encontram-se na região pampeana *os campos de maior valor econômico*, vivendo em suas pradarias *2/3 do gado vacum e quase a*

metade dos ovinos. Aí a atividade pecuarista não se reduz no inverno, fenômeno que ocorre em outras áreas da Argentina e importantes países criadores do mundo. Por outro lado, o *fator rotativo empregado no binômio agricultura-criação* permite mais amplo aproveitamento; isto porque, o descanso que se dá a um campo após determinada colheita permite, neste período, o aparecimento de espécies forrageiras de alto valor alimentício para o gado.

Estão na região pampeana *as mais ricas estâncias do país* que vão diminuindo em importância à medida que caminhamos para os Pampas secos, onde a isoleta começa a marcar 500 milímetros de chuvas. É esta a paisagem do *gaúcho*, excelente vaqueiro, guardião dos rebanhos pampeanos que, pelo tipo de vida, trabalho e mesmo vestuário, caracteriza também o interior do Uruguai e zona da campanha no Brasil (Rio Grande do Sul).

Os *centros urbanos* são também menos numerosos nos Pampas secos onde se destacam Córdoba, San Luis e Mendoza. As principais cidades argentinas estão nos Pampas úmidos e, de norte para sul formam um semicírculo tendo Buenos Aires como centro; são elas Santa Fé, Rosário, San Nicolas, La Plata e Bahia Blanca.

Fundada por Luis Cabrera em 1573, numa baixada em pleno centro que tem o mesmo nome, Córdoba (2.099.000 habitantes) tem *grande importância geopolítica* por constituir-se no "coração geográfico da Argentina". Dentro do conceito do mais amplo federalismo poderia, segundo alguns estudiosos, transformar-se na capital do país, a fim de corrigir o processo de macrocefalia que o amplo crescimento tem localizado em Buenos Aires. Foi, no passado colonial, ponto de passagem das riquezas (ouro e prata) que, do Alto Peru, buscavam saída pelo rio da Prata. Constitui-se hoje num importante *centro de indústrias* têxteis, automobilísticas, de materiais de ferrovias e produtos químicos, graças ao fato de encontrar-se no *nó ferroviário do leque de trilhos que parte da região pampeana platina*. Estando no *ponto nevralgico do país*, possui o Instituto de Investigação Aeronáutica e Espacial, a Fábrica Militar de Aviação e o Centro de Ensaio em Vôo, instituições ligadas ao DINFLA (Divisão Nacional de Fabricações e Investigações Aeronáuticas). Com a importante atividade aeronáutica aí desenvolvida, foi lançado no país (1961) o "Alfa Centauro", primeiro foguete de pesquisa meteorológica da América do Sul. Por sua tradi-

ção cultural é cognominada a "Erudita"; atrai por outro lado numerosos turistas, muitos dos quais em busca das virtudes terapêuticas do Mar de Chiquita, considerado como o "Mediterrâneo da Argentina".

As duas outras capitais de províncias interiorizadas são Mendoza (997.000 habitantes) e San Luis (206.000 habitantes).

Aos pés dos Andes, *Mendoza* é bastante movimentada por se constituir em *centro comercial de vasta área vitícola*, beneficiar-se com a exploração petrolífera dos Andes Setentrionais, como também por servir de rota natural para o Chile. Foi fundada por Pedro del Castillo em 1561 mas, por rivalidade política, Jufre transferiu-a de lugar numa distância de "dois tiros de arcabuz". *Cidade-oásis*, mantém, a par de seu desenvolvimento industrial, uma *função predominantemente agrícola*, graças aos numerosos imigrantes italianos plantadores de vinhedos em suas quintas tradicionais.

San Luis, fundada por Luis Jufre y Menezes em 1594, na *rota de trânsito entre o oriente e o ocidente do território argentino*, zona de contacto entre a área serrana e a região da planície, tem hoje *importância política* ligada à função administrativa que desempenha como capital da província do mesmo nome (206.000 habitantes).

Na margem do rio Paraná *Santa Fé* (2.212.000 habitantes), capital da província homônima, deve seu desenvolvimento às instalações portuárias; graças a esse fato, conseguiu *atrair as riquezas do vasto hinterland agro-pecuarista*. Divide suas atividades comerciais com *Rosário*. Já *San Nicolas* desenvolve-se em função da *siderurgia*, graças ao ferro, matéria-prima proveniente das jazidas de Sierra Grande na Patagônia (entre San António e Puerto Madryn). Novo centro siderúrgico está sendo planejado para *Bahia Blanca*, por sua posição litorânea e maior proximidade com as reservas patagônicas.

Em Engenheiro White, no porto de Bahia Blanca, foi concluído um elevador terminal de 62.000 toneladas, financiado pelo BID (Banco Inter-Americano de Desenvolvimento). O molhe com cerca de 300 metros permitirá a chegada ao local de navios de 50.000 a 60.000 toneladas com necessidade de calado da ordem de 40 pés, que esta-

vam impedidos de ir à Argentina graças às limitações portuárias.

Mar del Plata vive do *turismo*, como Bariloche no interior. Em pleno Atlântico, suas praias dão-lhe movimento no verão e seu cassino, o maior do mundo, mantém-lhe o ritmo no inverno. Sob o ponto de vista econômico surgiu como *centro salineiro*; hoje é o maior *porto pesqueiro nacional*, atraindo para suas fábricas de conservas e congelados 90% do produto.

Promulgada a *Lei Avellaneda* (1880), *Buenos Aires* passou a exercer *unicamente a função de capital da Argentina*. Nestas condições, em 1882, Dardo Rocha fundou a cidade de *La Plata* que passou a ser o centro administrativo da Província de Buenos Aires (8.179.000 habitantes). Por sua posição no rio da Prata, *formando grande tentáculo com a capital da República*, destaca-se no setor econômico como terminal de gasoduto proveniente da Patagônia e destilaria de petróleo da YPF.

O *Plano Nacional de Desenvolvimento e Segurança* para o quinquênio de 1971-75, normativo para o setor público e orientador para o setor privado, prevê que a economia argentina crescerá por meio de um acumulativo anual de 6,2% (1971) para atingir 8% (1975).

Admitindo o *capital estrangeiro* como complemento condicionado a preservar a autonomia de decisão nacional, o Plano induzirá o país a não contrair dívidas externas, promovendo um *substancial aumento das exportações*; em 1970 as vendas argentinas se concentraram na base de 1.170 milhões de dólares, mas devem alcançar em 1975 cerca de 2.960 milhões de dólares. Procura o governo argentino cuidar da *exportação do trigo*, hoje decadente (2.300.000 toneladas nos últimos anos), elevando-a para 4.250.000 toneladas em 1975. Quanto à *carne de gado vacum*, exportada em 1970 na base de 540.000 toneladas, procurará a Argentina chegar em 1975 as 750.000 toneladas. Se o Plano for bem sucedido, o trigo fornecerá o ingresso de 251 milhões de dólares anuais, enquanto a carne trará divisas na base dos 716 milhões de dólares.

Embora a ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio) continue a fornecer através do Brasil, Peru, Chile e Colômbia os melhores mercados externos para os produtos argen-

tinios, visa o Plano à expansão de suas vendas através do Japão e países africanos.

3 — Síntese Histórica

A cidade de *Buenos Aires*, núcleo geohistórico da Argentina, foi fundada duas vezes. Pela primeira vez, em 1536, por Pedro de Mendonza, na margem direita do rio Riachuelo; pretendiam os espanhóis impedir que os portugueses dominassem a região mas, as dificuldades materiais e constantes ataques dos índios querandins mata-ram o pequeno povoado de Santa Maria del Buen Aire. Em 1580, Juan de Garay fundava novamente a cidade, desta vez na margem ocidental do rio da Prata. Antes de completar um século de existência, já com o nome de Buenos Aires, dominava economicamente a grande área não só do Vice-Reinado do Prata, como também a do Vice-Reinado do Peru.

Centro importador de produtos manufaturados e exportador de matérias-primas, viveu esta cidade sempre os conflitos que se processavam entre a aristocracia rural e comerciantes urbanos. Esse conflito, que continuaria após a independência, caracterizou-se pelo partido federalista agrupando os políticos da aristocracia rural e partido unitário mais afeito aos ideais dos comerciantes urbanos de Buenos Aires.

Após a independência, proclamada oficialmente a 9 de julho de 1816, *Buenos Aires se impunha a todo o país*, já que o Congresso adotava uma *Constituição Federal Unitária*. Esse sistema de poder centralizado vinha de encontro às aspirações rurais, lideradas pelas Províncias de Corrientes e Entre-Rios. Por esta razão a Argentina passou por um período de anarquia e guerra civil, participando da fase do caudilhismo.

Chegando ao poder em 1829, Juan Manuel Rosas, as principais indústrias derivadas da pecuária passaram a ter maior desenvolvimento; protegeu também este governo a cultura do trigo, proibindo sua importação. No entanto, o porto de Buenos Aires que havia atingido grande progresso graças à posição privilegiada no comércio do rio da Prata, passava neste período a sofrer séria concorrência de Montevideú. A falta de balizamento e canalização do

rio da Prata, bem como a maior proximidade de Montevideú do Atlântico, explicam as preferências por este porto uruguaio que passou a ser mais visitado pelos navios estrangeiros.

A fim de combater a concorrência, Rosas resolveu fazer uma guerra de tarifas a Montevideú, taxando em 25% os direitos a serem pagos por qualquer mercadoria que entrasse na Argentina via Uruguai. Os comerciantes portenhos, ligados aos interesses comerciais ingleses e franceses protestam. A França declarava bloqueado o rio da Prata ocupando a ilha de Martim Garcia, enquanto os ingleses se estabeleciam nas Malvinas* (1838), e lá estão até hoje, apesar dos protestos constantes dos argentinos.

Rosas jamais perdoaria ao uruguaio Rivera a sua participação na questão, unindo-se aos argentinos unitários; isto, além de prejudicar Buenos Aires, levou a crise econômica a várias províncias do país que se revoltaram contra o governo central. Eis o motivo de caráter econômico que levou Rosas a unir-se aos opositores de Rivera ou seja, Manuel Oribe, chefe dos Blancos, desejoso de ocupar o governo uruguaio. Procurando neutralizar a influência argentina, o Brasil entrou também no conflito defendendo Rivera. A guerra poria fim ao governo de Rosas, embora o caudilhismo tenha continuado a se manifestar em menor intensidade, por quase meio século. Em 1853 foi outorgada ao país uma *Constituição Federalista* pelo Congresso de Santa Fé, mas a rivalidade entre Buenos Aires e demais províncias estendeu-se até 1880.

O grande inspirador da Constituição de 1853 foi o jurisconsulto Juan Bautista Alberdi, que expôs também os pontos de partida para a *organização econômica da Confederação Argentina*. A nação entra então numa fase de progresso, aparelhando seus principais portos, fomentando a navegação no Prata, construindo seus principais troncos ferroviários, estimulando a pecuária e agricultura com a vinda de imigrantes suíços, alemães e principalmente italianos, fundadores dos primeiros núcleos coloniais do país. Enquanto a Argentina era dotada da primeira esquadra moderna do continente, a partir de 1876 iniciava-se a ocupação e conquista do vasto deserto econômico e demográfico formado pela Patagônia.

* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 9.

As novas fases de lutas que se seguiram ao governo de Hipólito Irigoyen, levaram ao poder o então *Coronel Juan Domingo Perón* (1946-55). Este, aproveitando os recursos que o país havia acumulado durante a Segunda Guerra Mundial iniciou a *fase das nacionalizações* pela compra de ferrovias e serviços telefônicos. Executando um *programa de legislação social* atraiu as camadas populares, agrupando-as como força política no *partido peronista*. Sua propaganda partidária através de jornais e empresas radiofônicas atingiu o sistema educacional do país. Alarmadas, as Forças Armadas unidas à Igreja Católica que se opunha a Perón pela legalização do divórcio, sus-

pensão de subsídios às escolas religiosas, etc. obrigam o ditador a renunciar.

Sucedem-se *nova fase de instabilidade política* na Argentina; *governos civis*, acusados de ligações com peronistas, não chegaram ao final do mandato. As deposições têm-se sucedido também com os *governos militares* desde o advento de Onganía (1966) até Lanusse.

Em março de 1972 Lanusse visitou o Brasil. As conversações do presidente argentino com Médici tiveram por base o intercâmbio comercial entre os dois países e sobretudo o problema do aproveitamento hidroelétrico do Prata.

(abril de 1972)